
REVISTA TAKA'A

REALIDADE SOCIOLINGUÍSTICA DO POVO CHIQUITANO DA ALDEIA VILA NOVA BARBECHO

SOCIOLINGUISTIC REALITY OF THE CHIQUITAN PEOPLE OF VILA NOVA BARBECHO VILLAGE

Suzilene Urupe Chuê
Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio
<https://orcid.org/0009-0006-0377-4089>
suzilene.chue@unemat.br

Cláudia Landin Negreiros
Universidade do Estado de Mato Grosso-Unemat
<https://orcid.org/0000-0003-4762-055X>
clnegreiros@unemat.br

RESUMO

Este artigo trata da situação sociolinguística da língua Chiquitano na aldeia Vila Nova Barbecho. A escola é muito importante na retomada da cultura e da língua, pois a parceria entre a comunidade, professores e anciãos contribui para fortalecer as práticas culturais e linguística na comunidade e na escola. O objetivo deste artigo é discutir a situação da língua na aldeia e quais ações podem ser desenvolvidas para a retomada do idioma. A metodologia da pesquisa é qualitativa e de campo. A investigação foi feita por meio de questionário e entrevistas com anciãos, pais, alunos e outras pessoas da comunidade. Os resultados apontam que há três anciãos conhecedores da língua, e quando esses anciãos se encontram ou reúnem em dia de festa tradicional, eles dialogam na língua Chiquitano, e isso vai revitalizando nossa língua e o saber cultural.

Palavras-chave: Revitalização da Língua Chiquitano. Fortalecimento Cultural. Aldeia Vila Nova Barbecho.

ABSTRACT

This article deals with the sociolinguistic situation of the Chiquitano language in the village of Vila Nova Barbecho. The school is very important in the resumption of culture and language, as the partnership between the community, teachers and elders contributes to strengthening cultural and linguistic practices in the community and at school. The objective of this article is to discuss the situation of the language in the village and what actions can be developed to restore the language. The research methodology is qualitative and field-based. The investigation was carried out through a questionnaire and interviews with elders, parents, students and other people in the community. The results indicate that there are three elders who know the language, and when these elders meet or gather on a traditional festival day, they speak in the Chiquitano language, and this revitalizes our language and cultural knowledge.

Keywords: Revitalization of the Chiquitano Language. Cultural Strengthening. Vila Nova Barbecho Village.

INTRODUÇÃO

O foco deste trabalho é a retomada da cultura e da língua Chiquitano, dentro da aldeia Vila Nova Barbecho, onde eu resido e trabalho como professora na Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio. Quero aqui tratar sobre a política linguística do meu povo Chiquitano, da aldeia Vila Nova Barbecho, localizada a 110 quilômetros da cidade de Porto Esperidião-MT. Na aldeia Vila Nova Barbecho, a língua Chiquitano não é falada fluentemente e, apesar de já ter alguns trabalhos publicados sobre a retomada da língua, afirmo que falamos na aldeia somente o português.

Escolhi este tema para trabalhar, buscando maneiras para o envolvimento das pessoas adultas, das famílias, dos jovens, alunos e anciãos para a valorização e o fortalecimento cultural das práticas e da língua Chiquitano dentro da aldeia. Na minha aldeia, a língua precisa ser dialogada, ouvida, escrita, mas, principalmente, falada entre as pessoas. E, eu, como professora da escola, procuro trabalhar com meus alunos na área de *Ciências e Saberes Indígenas*, as práticas do saber tradicional da cultura, tentando reavivar a língua originária do nosso povo.

O objetivo deste artigo é discutir a situação sobre o quase apagamento da cultura e da língua, relacionado com a justificativa de querer reavivá-las, por meio da produção de atividades com foco na valorização linguística e cultural, considerando a escola como o ponto principal de iniciativa.

Nosso povo Chiquitano e nossa língua

Nós, povo Chiquitano, vivemos na fronteira do Brasil com a Bolívia. Desde sempre, estamos lutando por reconhecimento dos nossos direitos e do nosso território. Após a chegada dos colonizadores, passamos por muito sofrimento, ameaças e proibições da língua étnica e de prática de nossos saberes tradicionais Chiquitano. Foram introduzidos em nosso meio elementos culturais que não eram os nossos, como a língua portuguesa, a religião católica, entre outras coisas, como alimentos e bebidas não saudáveis.

Habitamos as Terras Indígenas Vila Nova Barbecho e Portal do Encanado, nas aldeias Vila Nova Barbecho, Fazendinha, Central *Nochopro*, *Nautchi Putsiorch* e Acorizal, no município de Porto Esperidião MT.

Neste trabalho, tratarei, especificamente, do meu povo da aldeia Vila Nova Barbecho, conforme a nossa vivência, nossas práticas, nossos costumes e crenças na atualidade do cotidiano. Quase não temos mais a caça, por causa do desmatamento no entorno da aldeia, o que provocou o desaparecimento dos animais. Não temos rios próximos a nossa aldeia, e o único rio já fica próximo as fazendas, tornando-se um pouco inseguro ir pescar nesse rio. E esse motivo levou o povo da aldeia a comprar carne e peixe no mercado.

Na aldeia onde resido, moram vinte e sete famílias, que compõem a quantidade de quase cem pessoas, entre adultos, jovens, anciãos e crianças. Destaco que a política linguística dos habitantes da aldeia no momento é somente a língua portuguesa, com a busca da revitalização da língua materna Chiquitano.

As nossas práticas culturais são a produção e confecção dos nossos artesanatos de palha/broto de palmeiras (indaiá, acurí, babaçu e buriti), do caule (buriti, taquara e algumas árvores específicas) e artesanatos de barro/argila, de penas e sementes. Nossos remédios, comidas e bebidas tradicionais, nossa dança cultural (Kurussé) e nossos rituais são feitos a cada coleta das matérias-primas, no início e final das produções e confecções de tudo o que já foi citado acima, sobre nossos saberes, valores e práticas culturais e tradicionais.

Antes vivíamos com essas práticas nos fortalecendo no nosso cotidiano, ensinando e aprendendo com os nossos pais e as pessoas mais velhas, nossos anciãos e anciãs. Tínhamos a partir daí nossa sustentabilidade, mas hoje, por causa do desmatamento, não conseguimos mais fazer mudas das plantas que precisamos, pois os fazendeiros que se dizem donos da terra não

nos deixam retirar mais. E, hoje em dia, por causa de ameaças, é muito perigoso sair à procura das coisas da natureza, que são nossas e utilizamos para nosso sustento.

Um breve contexto de nossa escola

Figura 1: Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio



Foto: Suzilene Urupe Chuê, 2024

A Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio está situada na aldeia Vila Nova Barbecho, no município de Porto Esperidião-MT. Esta escola foi criada dentro da aldeia como extensão da Escola Estadual Indígena Chiquitano Portal do Encantado, no ano de 2007, para atender os alunos do Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano e permaneceu assim até o final do ano de 2009, e iniciou suas atividades independente em 2010, e recebeu esse nome em homenagem a um senhor pajé, artesão e rezador no seu dialeto Chiquitano, conforme o Projeto Político Pedagógico (PPP, 2024), de nossa escola:

A Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio, está localizada na Aldeia Indígena Vila Nova Barbecho, a 110 Km da sede do município de Porto Esperidião-MT.[...] iniciou como extensão/anexa da E.E.I.Chiquitano da Terra Indígena Chiquitano Portal do Encantado em 2007 e permaneceu até o final do ano de 2009, foi criada pelo Decreto N.º 1878, publicado no Diário Oficial de 26 de Março de 2009 página 01, porém a escola José Turíbio só iniciou suas atividades pedagógicas

de maneira independente no início do ano de 2010. Foi Credenciada pelo Ato nº 35/2015/CEE-MT publicado no Diário Oficial do estado de Mato Grosso em 23 de março de 2015, página 25. Está autorizada pelo ato nº 755/2019/CEE/MT publicado no Diário Oficial do estado de Mato Grosso em 13 de janeiro de 2020, página 18. A denominação da escola é em homenagem a um antigo pajé, artesão e rezador no seu dialeto Chiquitano, Sr. José Turíbio, que foi muito respeitado e admirado pelo seu trabalho e de grande referência pelos Chiquitanos desta região. (PPP, 2024, p.1)

Tivemos essa grande conquista com nossa escola dentro da aldeia, porém, ainda existem muitos desafios a serem enfrentados para conquistarmos aquilo que é nosso, como por exemplo, a nossa prioridade maior: *A demarcação do nosso Território*, pois a nossa escola é uma casa multiuso, onde acontecem as aulas e todos os outros movimentos da aldeia. Ela foi construída pelos missionários, em parceria com a comunidade e, pelo fato de o nosso Território não ser demarcado, não temos um prédio próprio da escola construído em nossa aldeia, problema que vem se arrastando ao longo dos anos.

Nossa escola está inserida em um contexto em que a aldeia é pequena, recebe e atende os estudantes, conforme a demanda e necessidade. Desde sua criação, a Escola Indígena Chiquitano José Turíbio, como já disse anteriormente, atende um número de estudantes, de acordo com a demanda que a aldeia apresenta, sendo um caso excepcional, onde as lideranças reivindicam o direito de acesso a uma educação escolar indígena específica e diferenciada para atender a nossa comunidade. É um direito previsto na Constituição Federal de 1988, que garante a nós, povos indígenas, respeito a nossa organização social, costumes, línguas, crenças e tradições e o direito a uma educação específica e diferenciada, ao reconhecer o uso de línguas maternas e processos próprios de aprendizagem (Art. 231 e Art. 210, § 2o, BRASIL, 1988).

E, por se tratar de casos específicos, as turmas são todas multi, sendo que em todas elas temos estudantes com idade considerada avançada para a fase/ciclo. No entanto, é uma especificidade nossa, e para nós não tem diferença, pois trabalhamos de maneira flexível para que possamos atender todas as demandas, para que os alunos se sintam contemplados.

Atualmente a escola José Turíbio atende 24 alunos, devidamente matriculados e distribuídos em quatro turmas multi, sendo uma turma de estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, 01 turma de estudantes do 6º ao 9º ano, uma turma do 1º, 2º e 3º do ano Ensino Médio e uma turma de EJA, do Ensino Fundamental. O funcionamento da escola é nos períodos

matutino e vespertino e, atualmente, consta em seu quadro de profissionais 05 professores Chiquitano, todos com Ensino Superior Completo.

O trabalho com a língua materna Chiquitano aparece no Projeto Político Pedagógico-PPP da escola com maior atenção, que deve ser inserido, não apenas no componente curricular de Língua Materna e na área dos saberes indígenas, mas como uma das principais temáticas a ser abordada no contexto escolar, pois se trata de uma necessidade urgente a retomada e fortalecimento da língua originária Chiquitano. Dessa forma, se faz necessário que ações para este fortalecimento sejam desenvolvidas, cotidianamente, a fim de romper com o distanciamento entre o que desejamos alcançar, e aproximar da comunidade e anciãos(ãs) esse trabalho coletivo. Nesse sentido, um dos objetivos de nossa escola é fortalecer as práticas e valores culturais, morais, éticos, étnicos e a língua materna, conforme preceitua a Resolução 05/2012/CNE e Resolução 001/2013/CEE-MT, e contribuir para a revitalização da língua Chiquitano.

Além disso, outras metas estão previstas no PPP de nossa escola, que são: promover amplamente a revitalização da língua materna do nosso povo Chiquitano, nos próximos 03 anos; aumentar, nos próximos 03 anos, no calendário escolar, a carga horária dos Saberes Indígenas e da Língua Materna e criar estratégias, nos próximos 03 anos, com ações e projetos de modo a revitalizar a língua materna Chiquitano.

No regimento interno da escola fica estabelecido, ainda, que todos devem usar saudações na língua Chiquitano, bem como, praticar tudo que já aprenderam de comunicação em Chiquitano. Isso se aplica a todos os profissionais e aos estudantes da escola, pois há uma preocupação com a qualidade no ensino e, de forma especial, com a retomada de nossa cultura e língua, pois concordamos, também, com Tapirapé e Cruz (2023, p. 13) que “a escola é um espaço importantíssimo para dialogar com as crianças e jovens de forma reflexiva e sensibilizada, para manter nossa cultura e nossa língua vivas, sem abandonar nossas raízes ancestrais.

Esse é um pouco do histórico da escola da minha aldeia, destacando que houve luta, conquistas e muitos desafios surgiram e surgem até nos dias atuais, mas nossa luta pelo fortalecimento de nossa língua e nossa cultura continua.

A língua falada e escrita na comunidade

Na minha aldeia Vila Nova Barbecho, não é falada a língua Chiquitano entre as pessoas e nem nas famílias; o povo da aldeia não sabe falar nossa língua ancestral, conforme expliquei anteriormente. A língua Chiquitano ficou quase que apagada/abafada por muito tempo e, esse quase apagamento, aconteceu para que nosso povo continuasse sobrevivendo, de acordo com a realidade da época.

Muitos Chiquitano foram mortos por resistirem à prática da cultura, e os que sobreviveram, para continuarem vivos, foram obrigados a aprender e a falar o português, língua da cultura dos colonizadores. Por isso, como era obrigado a falar somente o português, o meu povo deixou de lado a língua originária e passou a falar fluentemente só o português.

Atualmente, temos apenas três anciãos falantes, porém, falam apenas quando nós professores pesquisamos para trabalhar na escola com os alunos. Eles não conversam com outras pessoas na língua materna, situação que ocorre, também, com outros povos indígenas, devido às diferentes realidades sociolinguísticas.

Há realidades que vão desde comunidades indígenas onde a maioria do povo é monolíngue na língua indígena a comunidades bilíngues em língua indígena-português, onde somente crianças e os mais velhos são monolíngues na língua indígena, ou comunidades monolíngues em português, onde apenas os velhos são falantes da língua originária, ou comunidades monolíngues em português, onde há somente lembrantes da língua ancestral. Enfim, são diversas as situações de uso da língua materna indígena entre as diferentes populações originárias do Estado (Cruz & Quintino, 2021, p.47).

Assim como muitos outros povos indígenas sofreram pela perda ou quase perda de suas línguas, nosso povo Chiquitano também passou por esse sofrimento de imposição para não falar a língua materna e nem praticar nossa cultura. E, até hoje, por causa disso, nós temos a língua portuguesa como a primeira língua dentro da aldeia.

A língua falada e escrita na escola

A língua que é falada na escola e só a língua portuguesa, pois tanto o que se fala na escola e fora da escola é só o português, mas nós professores estamos fazendo a retomada

cultural dos nossos saberes, cultura e língua com as crianças/alunos na escola. Através da escola, vamos fortalecendo a nossa língua, com atividades produzidas por nós e, por meio de entrevistas com anciãos, sabedores da língua Chiquitano, nós coletamos e elaboramos alguns jogos e outros conteúdos para trabalhar a língua Chiquitano, ensinando os alunos na sala de aula. Aqui conforme as fotos, vemos ilustrações de animais, corpo humano, entre outros, com os nomes escritos na língua Chiquitano, por alunos do 1º ao 4º ano.

Figura 2 e 3: Atividades na língua Chiquitano



Fonte: Suzilene Urupe Chuê, 2024

Os outros professores que atuam com alunos do ensino fundamental II, ensino médio e Eja, também trabalham o fortalecimento da língua materna nos espaços da aldeia, como escrita de frases de boas-vindas, cumprimentos de saudações, cuidado com natureza, convite para lanche/merenda, entre outros com desenhos escrita na parede do salão comunitário, nas portas do banheiro da escola, especificando para homem e mulher, tudo na língua materna.

Figuras 4 e 5: A língua Chiquitano no espaço da aldeia



Fonte: Suzilene Urupe Chuê, 2024

Esse é um pouquinho do trabalho dos professores e alunos com iniciativa para a revitalização da língua materna na Escola José Turíbio, na aldeia Vila Nova Barbecho. Nessa busca pela revitalização de nossa língua ancestral, produzimos uma cartilha que já foi publicada, a partir do programa “Ação Saberes Indígenas na Escola” um livro sobre os marcadores de tempo, buscando fortalecer cada vez mais nossa língua e cultura.

Entretanto, com esse mundo acelerado em que vivemos, nota-se que está um pouco complicado, ou seja, está bem difícil fortalecer a nossa língua, pois o português chegou de forma veloz e tomou o espaço de nosso idioma ancestral, além de outros fatores que provocaram o apagamento de nossa língua. Vejamos a citação a seguir:

As línguas indígenas em nosso país, inegavelmente, encontram-se em situação de risco. Ao longo do processo colonizatório, muitos povos foram dizimados juntamente com suas línguas e culturas. Atualmente, a maioria das línguas ainda existentes apresentam um número reduzido de falantes, menos que mil, o que, na opinião de especialistas, constitui um risco potencial de desaparecimento. Por sua vez, a língua portuguesa encontra-se numa posição de prestígio frente às línguas

indígenas, o que configura uma situação diglósica na qual a assimetria pesa de maneira extremamente desfavorável para os povos indígenas. A globalização tem acelerado o processo de extinção de línguas e culturas em escala mundial. Em decorrência deste processo, as aldeias hoje estão inundadas de novos bens produzidos com tecnologias alienígenas que facilitam a expansão do Português. Televisões, celulares, MP3, aparelhos de som, tablets veiculam a língua e os valores da sociedade dominante de modo exaustivo, colocando as crianças em contato com o Português cada vez mais cedo (Paula & Tapirapé, 2017, p.228)

Em algumas situações as tecnologias digitais ajudam, favorece no fortalecimento da língua, mas isso acontece quando todos estão envolvidos nessa força de querer fortalecer a sua língua, porque caso contrário, as tecnologias do mundo atual acabam afetando o povo da aldeia para o retrocesso na sua língua e cultura.

Realidade sociolinguística da aldeia Vila Nova Barbecho

A aldeia Vila Nova Barbecho está localizada na Terra Indígena Vila Nova Barbecho, no município de Porto Esperidião, estado de Mato Grosso. Na aldeia vivem 100 pessoas, que compõem 27 famílias. Dentre os 100 moradores, 40 são homens entre 13 e 55 anos; 27 mulheres entre 13 e 55 anos; 30 crianças entre 06 meses e 12 anos e 11 anciãos entre 60 e 100 anos. Desses, apenas 03 sabem a língua Chiquitano, mas não falam fluentemente.

Em relação às questões culturais, praticamos a nossa dança do *Kurussé*, nos três dias que antecedem a quaresma, na época da festa dos não indígenas (carnaval), no mês de fevereiro ou início de março. Na nossa festa tradicional e, em outras festas de devoções do povo Chiquitano, fazemos, servimos e nos alimentamos da nossa bebida tradicional *Tavaurch* (chicha) e de nossas comidas culturais, a patasca, bolo de arroz, massaco de *Pakaurch* (banana) ou *Tavarch* (mandioca).

Em todo espaço da aldeia falamos o português, como primeira língua. As crianças aprendem a língua Chiquitano apenas na escola, porque quando chegam em casa, não se tem muito incentivo da família, por isso, é muito difícil reavivar a política linguística Chiquitano através do fortalecimento apenas na escola. Quanto aos jovens e adolescentes, a situação é a mesma, pois não falam Chiquitano. As pessoas adultas também não falam a língua Chiquitano, porque não aprenderam, e um dos motivos foi por causa da pressão que sofreram dos

colonizadores e, atualmente acham difícil aprender. Por conta dessa situação, não há pessoas monolíngues na minha aldeia, porque as anciãs que falam a língua Chiquitano, também falam fluentemente a língua portuguesa. Portanto, na comunidade só se fala a língua portuguesa.

Quanto ao ensino da língua escrita, tanto do português quanto da língua Chiquitano, não temos material didático específico, pois a ortografia de nossa língua Chiquitano não foi unificada ainda, temos alguns materiais escritos, porém, não tem recurso para fazer publicação.

Não aprendi falar a língua materna, escrevo palavras que coletei nas entrevistas feitas, tento aprender, falar frases, mas é bastante difícil guardar na memória hoje em dia.

Por fim, quero destacar que, quanto ao uso das redes sociais na minha comunidade (WhatsApp, Facebook, Instagram, outros), as pessoas se conectam entre si, usando a língua portuguesa e, até o inglês, não dando muita atenção para a língua Chiquitano, o que contribui cada vez mais para o apagamento de nossa língua originária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A política linguística do povo da aldeia Vila Nova Barbecho está bastante delicada na questão da oralidade. A escrita vem sendo fortalecida através da escola da aldeia, porém, a prática oral precisa de mais comprometimento, tanto por parte das famílias, quanto ao uso nos espaços da aldeia. Ainda temos poucos materiais produzidos por nós, apenas alguns livros, por isso, na escola ensinamos a escrita, por meio de dados coletados através de entrevistas, mas a língua Chiquitano é pouco praticada na oralidade.

Percebe-se que os alunos e alunas, ao retornarem para casa, quando saem da escola, não fazem leitura da escrita feita em sala de aula, alguns ainda sentem vergonha ao pronunciar as falas na língua Chiquitano e, assim, fica difícil a retomada cultural da língua entre nosso povo. Por esse motivo, nós professores da escola, estamos buscando estratégias para incentivar e motivar nossos alunos para a prática da oralidade em sala de aula, já que na família a criança ou adolescente não aprende.

Nosso trabalho é muito desafiador, já que a parceria das famílias nesse fortalecimento linguístico e cultural vem sendo pouco. Compreendemos que escola é o ponto principal de iniciativa para a valorização linguística Chiquitano, porém, é bastante preocupante para as lideranças, os anciãos que dão entrevistas e, principalmente, para os professores da aldeia que

trabalham com as crianças e quase não vê retorno ou incentivo dos pais aos filhos nesse compromisso.

REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 18 de nov.2024.

BRASIL. MEC. **Resolução N.º 05**. Diretrizes Curriculares da Educação Escolar Indígena. Conselho Nacional de Educação: Brasília, 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/rede-de-educacao-para-a-diversidade/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/17417-ceb-2012> Acesso em: 18 de nov.2024.

CRUZ, Mônica Cidele da, QUINTINO, Wellington Pedrosa. Práticas comunitárias de revitalização linguística em aldeias indígenas de Mato Grosso. In: **(Re)vitalizar línguas minorizadas e/ou ameaçadas: teorias, metodologias, pesquisas e experiências / organização - Patrícia Goulart Tondineli**. - Porto Velho, RO: Coleção Pós Graduação da UNIR - EDUFRO, 2021.

MATO GROSSO. **Resolução Normativa nº 001/2013-CEE/MT**. Dispõe sobre a oferta obrigatória da Educação das Relações Étnicas e Raciais e do estudo da História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena, nos estabelecimentos de Educação Básica, públicos e privados do Sistema Estadual de Ensino, e dá outras providências. *Diário Oficial de Mato Grosso*, Mato Grosso, p. 31, 2013.

MATO GROSSO. **Projeto Político Pedagógico – PPP**. Escola Estadual Indígena Chiquitano José Turíbio, Aldeia Vila Nova Barbecho. 2024.

PAULA, Eunice Dias de; TAPIRAPÉ, Josimar Xawapare'ymi. Revitalização de línguas indígenas no Brasil: o caso dos Apyãwa. **Revista Linguística** / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 13, n.1 jan de 2017, p. 215-230. ISSN 2238-975X 1. [<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl>]

TAPIRAPÉ, Klebson Awararawoo'i. CRUZ, Mônica Cidele da. Roça tradicional como política de fortalecimento da língua Apyãwa. **Revista Taka'a**, Barra do Bugres (MT), v. 1, e2023008, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rtakaa/article/view/12560/8496> Acesso em 17 dez.2024.

Histórico

Submetido: 02 de dezembro de 2024.

Aprovado: 17 de dezembro de 2024.

Publicado: 17 de dezembro de 2024.

Licença de Uso

Licenciado sob Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Porém, não permite adaptar, remixar, transformar ou construir sobre o material, tampouco pode usar o manuscrito para fins comerciais. Sempre que usar informações do manuscrito deve ser atribuído o devido crédito de Autoria e publicação inicial neste periódico.

